

O DISCURSO NA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA EM (CON)TEXTOS DE (AUTO)TRANSFORMAÇÃO: UM DIÁLOGO HERMENÊUTICO

THE DISCOURSE IN DISCURSIVE TEXTUAL ANALYSIS IN (CON)TEXTS OF (SELF)TRANSFORMATION: A HERMENEUTICAL DIALOGUE

Maria do Carmo Galiazzi¹

Robson Simplicio de Sousa²

RESUMO

No presente artigo, analisamos os sentidos atribuídos ao discurso na obra *Análise Textual Discursiva* (MORAES; GALIAZZI, 2007), metodologia qualitativa de análise de cunho fenomenológico-hermenêutico, difundida em pesquisas em Educação, especialmente no contexto brasileiro. Em um movimento analítico hermenêutico, apresentamos o contexto em que surgiu a ATD e a atribuição do nome à metodologia. A seguir, a partir de um exercício com a metodologia, ela é descrita, assim como os sentidos atribuídos ao discurso que nela delineiam o discursivo. Com a intenção de ampliação de horizontes, descrevemos algumas articulações teóricas entre a Hermenêutica Filosófica de Gadamer e a ATD. Esta articulação aponta para a importância do diálogo e da escrita no processo de análise, tendo como sustentação teórica o círculo hermenêutico, a escrita e a intervenção como ação política e ontológica de transformação dos discursos e do pesquisador.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso, Análise Textual Discursiva, Metodologia

ABSTRACT

This article analyzes the meanings attributed to the discourse in the text *Discursive Analysis* (MORAES; GALIAZZI, 2007), a qualitative methodology of phenomenological-hermeneutic analysis, disseminated in education research in the Brazilian context. In a hermeneutic analytical movement, we present the context in which DTA emerged and the name given to the methodology. From the methodology, the description and the meanings attributed to the discourse that delineates the discursive. To broaden horizons, we describe some articulations between Gadamer's Philosophical Hermeneutics and ATD. This articulation points to the importance of dialogue and writing in the analysis process, supported by the hermeneutic circle, writing and intervention as a political and ontological action of transformation the discourses and the researcher.

KEYWORDS: Discourse, Discursive Textual Analysis, Methodology

Introdução

A Análise Textual Discursiva, doravante denominada pela sigla ATD, surgiu com este nome no artigo “Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva” (MORAES, 2003) e depois no livro *Análise Textual Discursiva* (MORAES;

¹ Doutora em Educação, Docente Titular Voluntária da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. mariagaliazzi@furg.br

² Doutor em Educação em Ciências, Docente Adjunto da Universidade Federal do Paraná (UFPR). robson.simplicio@ufpr.br

GALIAZZI, 2007). Estes textos materializaram a metodologia de análise de informações discursivas que vinha sendo desenvolvida por Roque Moraes e seus orientados no Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e também como disciplina no Programa de Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande no início dos anos 2000.

Naquele contexto das pesquisas em Educação, destacavam-se duas metodologias de análise: a Análise de Conteúdo (AC) e a Análise do Discurso (AD). Recentemente, Guimarães e De Paula (2020) relatam que, nessa época, para discutir metodologia de análise de dados, também foi criada uma disciplina, denominada de Análise de Discurso e Análise de Conteúdo, no Programa de Pós-graduação em Serviço Social na PUCRS, com o objetivo de apresentar diferentes teorias e desenvolver exercícios de análise, de modo que os pesquisadores pudessem escolher a partir de um repertório ampliado da tradicional Análise de Conteúdo a metodologia usar em sua pesquisa de mestrado ou doutorado.

Roque Moraes comparecia à disciplina para discutir a Análise de Conteúdo. Guimarães e De Paula (2020) separam em duas fases o pensamento de Moraes. Na fase 1, ele discutia com discentes a Análise de Conteúdo (MORAES, 1994; 1999), mesmo que já se percebessem diferenças em relação à Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). As autoras apontam um modo diferente de o autor discutir os momentos de análise e destacam a categorização como um processo aberto e distinto da AC.

Roque Moraes teve duas influências teóricas, às quais podemos atribuir estas duas fases: o surgimento do paradigma naturalístico de Lincoln e Guba (1985) na realização de sua pesquisa de mestrado nos Estados Unidos e, posteriormente, o encontro com a Fenomenologia de Husserl, a partir de encontros com Joel Martins, em sua tese de doutorado (MORAES, 1991). Foi, no entanto, a Fenomenologia que desencadeou nele o que chamou de “o despertar de uma nova visão”, quando buscou aprofundamento dos fundamentos filosóficos e epistemológicos para um caminho metodológico. Isso exigiu do autor uma redefinição do significado da pesquisa científica, em que buscou substituir o esforço analítico da explicação pelo esforço da compreensão e, da mesma maneira, o da previsão pelo da descrição, em que teve que dar uma guinada, passando de uma visão de mundo na pesquisa baseada na vivência dentro da ciência natural e do positivismo para a fenomenologia de Husserl e a hermenêutica de Gadamer (MORAES, 2020).

Ao final dos anos 90, um acontecimento pitoresco marca o convite ao grupo de orientados de Roque Moraes para estudar a AC e a AD: sua participação em uma banca em que o pesquisador afirmava ter desenvolvido Análise de Discurso, mas o detalhamento da

análise mostrava ter sido AC. Havia no texto, uma única vez, a expressão “Análise de Conteúdo” (sic), que destoava de todas as outras vezes em que aparecia Análise de Discurso, sem que se evidenciasse o pertencimento a ela. Este indício levou ao questionamento e à confirmação da substituição, ou seja, o contexto era de ampliação de perspectivas de análise nas pesquisas, com intenção de substituição da tradicional AC pela AD, mesmo que neste exemplo careça de justificativa teórica consistente. Havia aí um modo de vincular-se à AD como uma metodologia de análise mais robusta do que a AC.

O grupo de pesquisa do Prof. Roque Moraes foi organizado a partir da leitura e apresentação de textos teóricos. De um lado, a Análise de Conteúdo de Bardin (1977) e os textos que fundamentavam a compreensão da AC expressa em Moraes (1994; 1999), como Navarro e Diaz (1994) e Olabuenaga e Ispizúa (1989); do outro lado, a Análise de Discurso com Catalán (2001) e Orlandi (1999), com obras publicadas naquele período. Ao final de dois semestres letivos, Roque Moraes apresentou um conjunto de textos a serem lidos e discutidos no grupo, textos que mais tarde originariam o livro *Análise Textual Discursiva*. Neste período, o nome a atribuir à metodologia de análise ficou em discussão, surgindo, assim, a partir de Moraes (2003), a Análise Textual Discursiva, em que se percebem sinais dessa discussão quando o autor se refere, no texto, à “análise textual qualitativa”. Ou seja, Análise Textual Discursiva e Análise Textual Qualitativa sintetizavam a fusão de horizontes (GADAMER, 2015) a partir da AC. A ATD foi apresentada como ciclo de análise constituído de três elementos – *unitarização, categorização e comunicação*. Esse movimento possibilita a emergência de novas compreensões com base na auto-organização. Com a presença da metáfora a traduzir as novas compreensões, anunciava-se a ATD.

A Análise Textual Discursiva em Movimento

De nossos estudos sobre a ATD (SOUSA e GALIAZZI, 2017; 2018; GALIAZZI e SOUSA, 2019; 2020; 2021; SOUSA, 2020), temos desenvolvido esta metodologia como modo de lidar com o material empírico e teórico, o que exige ampliação nesta lida, agregando à análise modos mais perceptivos e intuitivos em múltiplos movimentos dialéticos em direção à compreensão. Neste artigo, buscamos compreender o discurso na ATD. Neste caminho analítico, primeiro unitarizamos todo o livro *Análise Textual Discursiva* (MORAES e GALIAZZI, 2007) com o uso do *software* Atlas.ti, destacando unidades de significado em que a palavra “discurso” apareça. Temos por indagação a questão fenomenológica proposta por Van Manen (2017) – *What is this experience like?* –, transposta para nossa intenção de

pesquisa, o discurso. Portanto, perseguimos compreender a seguinte questão: *como é isso que se mostra: o discurso na ATD?*

Ao todo, foram 47 unidades de significado em que a palavra “discurso” foi encontrada. No código que identifica a unidade, por exemplo, (1:17), o número 1 significa o documento primário colocado no *software* Atlas.ti para o estudo, neste caso, o livro de ATD (MORAES e GALIAZZI, 2007). O número que segue o número de identificação do documento primário, neste exemplo, o número 17, é o número da unidade de significado identificada na obra. Chegamos a cinco categorias para compreender os sentidos atribuídos a discurso: 1. Filosofia, texto e discurso; 2) Processo de análise e discurso; 3. Escrever, pesquisar e discurso; 4) Compreensão e discurso; e 5) Intervenção e discurso. Estas categorias compõem o metatexto a seguir.

Sentidos do Discurso na Análise Textual Discursiva

Como exposto por Guimarães e De Paula (2020), sustentadas por Navarro e Díaz (1989), uma análise textual corresponde a um processo analítico de uma mensagem expressa em diferentes linguagens sob a forma de texto. As pesquisas transformam as análises de diferentes expressões de comunicação em textos; porém, antes de delinear a metodologia de análise, a nosso ver, é preciso que o pesquisador busque compreender seus modos de entender a produção de conhecimento (epistemologia) e seus modos de pensar e atribuir sentido ao mundo (filosofia). Isso se reflete na pergunta que vai orientar a análise das informações dela resultantes. Nas categorias resultantes da análise, mostramos a que se vincula a ATD e o que caracteriza o discurso em seus procedimentos.

Filosofia, Texto e Discurso

A que filosofia se articula a ATD? A que visão de mundo? A que metodologia de pesquisa? Como se mostra o texto na ATD? Qual o discurso a que se vincula a ATD?

Como expressamos na introdução deste texto, a Fenomenologia foi decisiva na mudança de visão de Roque Moraes, como também foram a pesquisa qualitativa e a hermenêutica:

A análise textual discursiva corresponde a uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os **fenômenos e discursos** analisados. Insere-se

entre os extremos da análise de conteúdo tradicional e a análise de **discurso**, representando um movimento interpretativo de caráter **hermenêutico**. (1:1)

Mostramos em Galiazzi e Sousa (2020), ao discutir os sentidos de fenômeno na ATD, sua vinculação à Fenomenologia, mas já na apresentação da ATD no texto introdutório a Hermenêutica também se mostra como movimento filosófico de interpretação (SOUSA e GALIAZZI, 2017). Mostra-se a Fenomenologia, como já anunciado, quando se intenta contrastar a AC da AD para mostrar que a ATD aparecia nesta oposição considerada pelos autores. “O contraste dos modos como AC e AD lidam com **os fenômenos que investigam ou os discursos que analisam** no sentido de submetê-los à fragmentação ou não é outra forma interessante de ajudar a compreender as especificidades de cada abordagem.” (1:37). Ou seja, a ATD assenta-se na Fenomenologia e na Hermenêutica, bem como na pesquisa qualitativa. A estas, agrega-se também uma metodologia de pesquisa muito presente na Educação naquele contexto, a pesquisa etnográfica, embora outras metodologias de pesquisa fossem sempre discutidas e presentes. A etnografia na Educação, no entanto, tem se mantido como tradição. Apresentando também dois modos de proceder na ATD, com teorias *a priori* ou teorias implícitas, a vinculação com a etnografia como metodologia de pesquisa mostra-se como possibilidade na produção de informações:

No primeiro modo de lidar com a teoria o pesquisador explicita desde o início seu olhar teórico, servindo a teoria ou teorias selecionadas para direcionar toda a pesquisa. É o que denominamos “teorias a priori”. No segundo modo o pesquisador pretende construir a teoria a partir da pesquisa. É a perspectiva de pesquisa de teorias emergentes defendidas por Lincoln e Guba (1985) e Strauss (1989). Concebemos esta construção teórica como a explicitação de teorias implícitas nas falas e **discursos** de participantes de pesquisa. É uma abordagem típica de estudos de cunho fenomenológico, etnográfico e hermenêutico. (1:39)

O substrato de análise da AC, da AD e da ATD são textos que mostram, no caso da ATD, fenômenos e **discursos**. Os textos expressam parte dos discursos a que pertencem (US: 1:23). São amostras de discursos (1:18). Como também se percebe em outra unidade de significado: “Os textos são entendidos como produções linguísticas, referentes a determinado **fenômeno** e originadas em um determinado tempo e contexto. São vistos como produções que expressam **discursos**”. (1:7).

Assim, de uma análise textual, pode-se chegar a compreender um discurso; no entanto, esta compreensão é sempre parcial, pois os textos fazem parte de algo maior – os discursos em que foram produzidos, os contextos que os condicionaram. Guimarães e De Paula (2020)

questionam as razões de a ATD colocar-se entre dois polos apenas, quando são muitas as Análises de Discurso. Cabe responder ao questionamento trazendo novamente, nas pesquisas em Educação, a presença destes dois polos quando a metodologia foi cunhada, e não um conjunto ampliado, como as autoras descrevem em seu texto. O texto é menor que o discurso, o texto é histórico. A ATD não considerou outras análises de discurso, como poderia ter sido feito. O grupo de estudos liderado por Roque Moraes limitou-se a estudar a AD de Pêcheux por Orlandi (1999) e Catalán (2001).

Na análise, não se pode esquecer a relação inextricável entre texto e contexto – e, portanto, discurso. Os sentidos estão presos aos contextos e discursos mais amplos em que as palavras expressam sentidos múltiplos, constituindo discursos:

A inferência possibilita estabelecer pontes entre os textos e o contexto. Ao mesmo tempo, a necessidade de considerar-se o contexto, e de forma mais ampla os determinantes históricos que condicionam a produção e interpretação dos textos, estabelecem limites às interpretações do pesquisador. As leituras do pesquisador, mesmo que exigindo seu envolvimento ativo e participativo, são condicionadas pelo contexto e pelos **discursos** em que os textos analisados se enquadram. Interpretações rigorosas e válidas exigem que se associe de forma competente o texto e o contexto. (1:11)

A palavra “inferência” remete-nos à AC presente em dois de seus autores. Bardin afirma que a análise deve permitir inferências, e também Krippendorff (1990), em paralelo, define a AC como uma técnica de investigação que se destina a fazer inferências reproduzíveis e válidas com base nos dados. (MORAES, 1994; 1999). Inferência também é para significar, a partir da lógica, um modo de dizer a verdade de uma proposição fundamentadas em outras proposições já reconhecidas como verdadeiras, marcando, assim, a palavra em um contexto mais próximo da AC.

A sustentação em uma perspectiva filosófica hermenêutica distancia a ATD deste pertencimento epistemológico quando entendemos que a ATD se movimenta no círculo hermenêutico (SOUSA e GALIAZZI, 2017), como se mostra na seguinte unidade de significado:

(...) com sua perspectiva fundamentada na hermenêutica, inicia seus esforços de construção de compreensão a partir dos sentidos mais imediatos e simples dos fenômenos que pesquisa. Entretanto, assume um desafio permanente de produzir sentidos mais distantes, complexos e aprofundados. Nisso não entende propriamente estar procurando sentidos ocultos, mas pretende estar se envolvendo em movimentos de constante reconstrução dos significados e dos **discursos** que investiga. Mais do que expressar realidades já existentes a análise textual discursiva pretende inserir-se em movimentos de produção e

reconstrução das realidades, combinando em seus exercícios de pesquisa a hermenêutica e a dialética. (1:35)

Ao analisar os sentidos atribuídos ao texto em “Tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva” (MORAES, 2003), Sousa (2020), aproximando suas interpretações das ideias de Hans-Georg Gadamer, concluiu que o texto na ATD é um conceito hermenêutico de experiências descritivas e interpretativas, na tarefa de aprender sobre um fenômeno enquanto o pesquisador ontologicamente se modifica a partir dos textos do mundo, ou seja, texto e contexto juntos. Nisso acontece a escrita em sua função de transformação:

Para conseguir-se compreender em toda sua profundidade a importância da escrita nos processos reconstitutivos de conhecimentos e **discursos** sociais é importante ter clareza sobre a natureza do conhecimento e das verdades humanas. (1:43)

Em síntese, o que se mostrou nesta categoria é a ATD como metodologia de análise inserida em uma abordagem filosófica sustentada pela Fenomenologia e pela Hermenêutica Filosófica. Pode ser aplicada em pesquisas qualitativas, em que os textos produzidos são sempre condicionados a seus contextos de produção e são parte de discursos. Este movimento de produção pela escrita acompanha, favorece e produz a transformação do pesquisador, ou seja, o discurso que a ATD produz é um discurso fenomenológico-hermenêutico de pesquisas qualitativas cujos textos são, ao mesmo tempo, ontológicos, finitos e históricos.

Processo de Análise e Discurso

A ATD consiste em desenvolver três procedimentos estruturantes: a unitarização, seguida da categorização e da comunicação, com a produção dos metatextos. “O primeiro movimento numa produção escrita reconstitutiva”, a unitarização, “é desconstrutivo, de desorganizar conhecimentos e **discursos** anteriormente organizados” (1:47). A intenção da desconstrução é a de favorecer que se mostrem outras ideias em um processo dialético:

Mesmo assim, as vivências práticas de envolvimento no tipo de produção escrita reconstitutiva aqui proposto têm mostrado a importância de uma impregnação intensa nos temas a partir do que denominamos explosão de ideias, movimento de desconstrução, decomposição e caotificação de conhecimentos existentes, no sentido de criar as possibilidades efetivas de emergência de novos conhecimentos, sempre reconstruções do anteriormente desmontado, superações dialéticas de conhecimentos e **discursos** já anteriormente constituídos. (1:49)

“É importante ter presente que as unidades resultantes são componentes de **discursos**, em que os enunciados se integram e inter-relacionam intimamente, tais como nós de uma rede. Por isso, o processo de unitarização é melhor entendido como modo de destacar partes da rede, e não como processo de desmontagem da mesma” (1:12). Estabelecidas as unidades, é preciso codificá-las. A codificação tem por suporte a recursividade, a identificação do texto original, como mostramos anteriormente no texto, a codificação aqui expressa em que o 1 remete à obra em análise e o número que segue é a ordem da unidade de significado na obra.

Destacadas as unidades de significado, para o movimento de síntese, atribuímos um título a partir de palavras-chave desta unidade, e são estes títulos que categorizamos por aproximação de sentidos, em que cada uma das categorias “pode ajudar na construção de uma compreensão mais complexa dos **discursos** em que os textos foram produzidos” (1:24). Por exemplo, as cinco categorias a que chegamos neste texto trazem aspectos diferentes de como se mostra o discurso na ATD.

O conjunto de categorias formam outra ordem a partir dos textos originais. Este conjunto estrutura-se seguindo também um processo recursivo de síntese, que pode estar estruturado em categorias em diferentes níveis – iniciais, intermediárias e finais; posteriormente descritas, elas encaminham para discursos reconstruídos. O sistema de categorias “constitui a estrutura compreensível dos conhecimentos e **discursos reconstruídos**. Possibilita e encaminha a explicitação em forma de texto das novas compreensões emergentes do processo reconstrutivo” (1:51).

A ATD exige que haja impregnação para que se produzam novas ordens a partir do discurso inicial. Chamamos atenção para esta palavra, que supõe embeber-se, encharcar-se dos discursos, deixar-se influenciar pelo que está dito, empenhar-se dos discursos. Assim é que será possível que outros discursos se mostrem. “Este processo compara-se com Mergulhos discursivos”, impregnações intensas em discursos sociais, visando à sua compreensão cada vez mais profunda e, simultaneamente, à participação em sua transformação”. (1:2). Um banho em palavras que carregam sentidos múltiplos.

Isso compreendemos como muito próximo do que aborda Orlandi ao ser entrevistada por Barreto (2006, p. 3):

O plural, o que varia, não é o que tem defeito, o que não é correto. É o cerne mesmo da nossa capacidade de linguagem. Estamos sempre às voltas com versões. Por que uma e não outra? Eis a questão. Por que eu, por que você? E o sentido pode ser outro para mim mesma, dependendo de minha relação com as condições de existência. Quantas vezes nos surpreendemos ao ver

que soa em uma palavra um sentido que a gente mesmo ainda não tinha percebido. Nem poderia. Esta é uma questão da historicidade do sentido e da identidade do sujeito.

Se nos detivermo em analisar algumas pesquisas que usaram ATD, poderemos observar que algumas delas estão bastante próximas da AC, em que a ATD foi usada como uma técnica de organização das categorias (SOUSA; GALIAZZI, 2018). O que temos entendido é que ATD é outra metodologia, não é um entre-lugar entre AC e AD (GUIMARÃES; PAULA, 2020) porque, como articuladas aos problemas de pesquisa, as metodologias de análise se filiam a modos distintos de ver o mundo e, com isso, têm intenções distintas de pesquisa e produzem discursos diferentes. Caso seja usada como técnica, não há por que denominá-la de ATD, e temos sugerido que se use AC. Da mesma forma, as diferentes abordagens de Análise de Discurso vinculam-se a filosofias outras; neste sentido, é preciso buscar por metodologias de análise que conversem com estas filosofias. No caso da AD de Pêcheux, é o materialismo-histórico.

Estabelecidas as categorias, o processo mais intenso de escrita inicia pela descrição, com forte intenção fenomenológica, que é estar atento a como se mostram os sentidos do que estamos investigando (GALIAZZI; SOUSA, 2021). É a partir da escrita descritiva que, por processos recursivos, produzimos argumentos e os validamos em comunidades ampliadas. “Constitui, ao mesmo tempo, validação dos conhecimentos e discursos reconstruídos no processo e garantia de sua aceitação em comunidades mais amplas” (1:50).

Esta escrita recursiva origina os metatextos, composição de sentidos que se inserem em discursos. “Os metatextos expressam as compreensões e intuições do pesquisador e devem ser assumidos como tais. Necessitam, entretanto, estabelecer-se nos **discursos** sociais a que se referem, o que é propiciado pela sua publicação e crítica” (1:9).

Um conceito presente na ATD que emerge desta nossa análise, como ainda há pouco discutido, é o de voz. Trata-se de prestar atenção a estas outras vozes que se materializam em outros textos e discursos. Quem fala em cada texto? Que voz é essa que se manifesta? Esta é uma ideia potente para ser aprofundada e se afasta da subjetividade, não com isso tirando a característica ontológica e a necessária presença do autor, esse também expressando possivelmente diferentes vozes (SOUSA; GALIAZZI, 2017). Isso precisa, segundo a ATD, ser considerado, mas, como dissemos, este é um aspecto ainda a ser mais bem esmiuçado:

O conjunto de textos submetidos à análise costuma ser denominado o “corpus”. Representa uma multiplicidade de vozes se manifestando nos **discursos** investigados. O pesquisador precisa estar consciente de que, ao examinar e analisar seu “corpus” é influenciado por todo esse conjunto de

vozes, ainda que sempre fazendo suas leituras a partir de seus próprios referenciais. (1:19).

Não adentraremos teoricamente neste conceito, pois foge de nossa intenção de focar no discurso, mesmo entendendo que “voz” e “discurso” sejam palavras e conceitos que se inserem em visão de mundo semelhantes. Nos textos acadêmicos, as aspas e as referências indicam outras vozes, mas são, muitas vezes, encontro de vozes dissonantes com que aprendemos a perceber outras nuances nos textos analisados. “Uma produção escrita reconstrutiva assume que as aprendizagens e as reconstruções de conhecimentos e **discursos** sociais se concretizam a partir da confrontação com outras vozes, a partir do questionamento reconstrutivo propiciado pelo diferente que é a voz do outro sujeito” (1:52).

É nesse sentido que trazemos Orlandi (1988) quando afirma que: “compreender, eu diria, é saber que o sentido pode ser outro” (p. 12). Trazemos Orlandi lembrando que foi a leitura aprofundada no início da ATD, mas Gadamer também tem sentença semelhante: pode ser que o outro tenha razão. Temos assumido a hermenêutica filosófica como abordagem filosófica a inspirar os modos como usamos a ATD.

A ATD também marca a autoria do autor do texto, mas somos autores de ideias que vêm de nossa história porque, como somos constituídos na linguagem, o que produzimos pode ser entendido como uma produção coletiva, uma vez que a autoria é compartilhada, como bem expressa a unidade de significado seguinte:

Já nascemos e nos constituímos dentro de determinados **discursos** sociais. Somente conseguimos nos manifestar a partir deles, sem possibilidade de assumir olhares objetivos externos. Por isso nossas autorias são sempre coautorias, em que nossos argumentos carregam junto com eles múltiplas autorias. Isso, ao mesmo tempo em que nos torna mais humildes em relação às ideias que pensamos serem nossas, também nos cria espaços de aceitação junto às outras vozes implicadas em nossas produções. Os outros fundamentam e validam nossas produções. (1:54).

Nesta categoria, descrevemos o discurso no processo de análise pela ATD. O que se mostrou foi um discurso analítico que destaca sentidos, desorganiza textos, desconstrói para organizar outros discursos. Destacamos a descrição como parte importante no processo, a recursividade, a interlocução, a autoria na produção de outros discursos. Isso nos permite afirmar que este discurso tem características de um diálogo hermenêutico, mesmo que tenhamos encontrado o conceito de voz, ainda não suficientemente trabalhado em textos da ATD.

De certa forma, este exemplo é mesmo o que entendemos como o que se mostra e tem encaminhado a outros textos. É neste exercício que temos produzido compreensões ampliadas sobre hermenêutica (SOUSA; GALIAZZI, 2017), compreensão (SOUSA; GALIAZZI, 2018), dialética (GALIAZZI; SOUSA, 2019), fenômeno (GALIAZZI;SOUSA, 2020) e descrição (GALIAZZI; SOUSA, 2021).

Escrever, Pesquisar e Discurso

Na ATD, a escrita recursiva é um de seus princípios mais constitutivos. Considerando que a autora deste texto viveu o processo de elaboração da ATD intensamente, podemos destacar, a partir de sua experiência, a importância que o livro *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*, de Mário Osório Marques (1997), teve nesta elaboração. Esta importância aparece na categorização. Podemos afirmar que é a escrita o fio que articula as demais categorias:

Ainda que a escrita possa associar-se a uma pesquisa de natureza mais formal, especialmente no momento da análise de dados, focalizamos aqui uma escrita que é sempre já pesquisa, num sentido mais globalizado, de reconstrução de realidades e **discursos** existentes. (1:45).

Abordamos, na categoria anterior, o valor da descrição na ATD quando temos as unidades de significado organizadas em um conjunto de sentidos próximos. Ressaltamos que a descrição não é suficiente. Afirma Orlandi (2006) que a interpretação também não é suficiente, é preciso chegar à compreensão. Um modo, na ATD, de expressarmos este movimento em direção à compreensão é pela produção de argumentos articulados com outros autores. O discurso científico requer que estas pontes entre os argumentos do pesquisador e dos interlocutores teóricos estejam indicadas:

Seja por citações literais, seja a partir de paráfrases, precisa mostrar as pontes do que propõe e do que argumenta com **discursos** já anteriormente constituídos por quem também investiu nos mesmos temas. Se o caldeirão tiver sido alimentado com ideias de múltiplos autores e sujeitos, essas interlocuções teóricas tornam-se um processo natural. Apenas é preciso atenção para não assumir como próprios argumentos produzidos por outros, ainda que cada autor possa se apropriar desses argumentos adaptando-os às suas intenções e necessidades. (1:53).

Já consolidada no modo de produção de conhecimento, está a presença do pesquisador nos textos. Uma pesquisa em que não se perceba a presença do pesquisador (o que sempre se percebe) marca a objetividade da ciência:

Se é importante destacar e compreender a natureza de permanente processo que caracteriza todo conhecimento, também é importante enfatizar o caráter social e interativo desse processo. O conhecimento produz-se no diálogo entre diferentes sujeitos, na constituição de uma intertextualidade cada vez mais complexa para todos os envolvidos. Nisso a escrita se aproxima do pesquisar, procura constante e rigorosa de múltiplas vozes participantes no tecer de novas verdades, processo em que o homem se recria permanentemente, sem se repetir. Escrever e pesquisar são processos que convocam muitas vozes de uma comunidade argumentativa para se envolverem no estabelecimento de novas verdades, novos conhecimentos, novos **discursos** sociais. (1:44).

Não se diz nada novo quando se destaca a importância do reescrever na produção do conhecimento. Como ocorre com obras célebres quando são encontrados os originais com seus rascunhos, os manuscritos são publicados, mostrando este reescrever, o que é destacado na ATD:

No processo da escrita eliminam-se **discursos** sociais existentes, constantemente substituídos por novos, com a participação ativa de sujeitos que compõem as realidades a que os **discursos** se referem. Ainda que esses ressurgimentos também se deem por outros modos linguísticos, é especialmente pela escrita que se estabelecem e qualificam. (1:41).

E se, nas obras de literatura consagradas, como *A Boiada*, de Guimarães Rosa, este reescrever é parte do ofício, da mesma forma, ele produz novas elaborações nos coletivos de pesquisa:

No seu todo a produção escrita, assumida como sinônimo de pesquisa, é apresentada como processo em que conhecimentos e **discursos** existentes se transformam em cinzas, para um ressurgir constante de novas fênixes, novos **discursos** sociais gestados coletivamente a partir da participação de muitos sujeitos, ainda que sob a tutela de um autor, **discursos** que necessitam estabelecer-se por meio de processos interativos de crítica dos grupos sociais a que se referem. (1:42)

Ou seja, todo o processo de escrita de uma pesquisa já é o exercício de chegar a novos discursos. E quando se inicia este processo na ATD? Se lembrarmos de seu início na unitarização, a cada unidade de significado, a partir de palavras-chave, escrevemos um título ou mesmo uma sentença, um argumento. Depois, juntamos estes títulos em parágrafos, que são nossos argumentos.

“Quando membros de uma comunidade escrevem é para contribuir para um diálogo em processo”(WELLS, 2001, p.186). Aceitando isto entendemos que a escrita é ferramenta de reconstrução de conhecimentos e **discursos** sociais, não se sabendo de antemão o que se vai escrever, mas que o produto da escrita, os textos produzidos, emergem a partir do próprio diálogo. A escrita é assim modo de construção e reconstrução de conhecimentos. Solicita um constante ir além do que já se conhece, superar-se a si mesmo, “calar as próprias vozes interiores” (MARQUES, 1997, p.42), para

possibilitar na interação com outras vozes a emergência do novo, exigindo coragem para abandonar o que já foi anteriormente construído e organizado. (1:46).

Buscamos teóricos para fundamentar nossos argumentos ou mesmo para problematizá-los, mas esta escrita não está pronta; também podemos afirmar que, mesmo colocando um ponto final por conta da exigência de um resultado, a escrita é aberta e sempre passível de ser revisitada:

O processo da análise textual discursiva é um exercício de comunicação na medida em que procura expressar novos modos de compreender fenômenos ou **discursos**. O exercício comunicativo, entretanto, não se dá a partir de algo já perfeitamente conhecido de antemão. No próprio processo da análise e da escrita se efetivam aprendizagens, se constroem compreensões que, na medida em que se produzem podem ser comunicadas. Nesse sentido, pesquisar e escrever se confundem (RICHARDSON, 1994). (1:30).

Queremos exemplificar com o autor trazido na citação anterior. Richardson (1994) problematizava a pesquisa qualitativa, argumentando que a escrita era o método da pesquisa. Concordamos com Orlandi quando afirma a importância da AD em “entregar-se ao prazer da descoberta em cada passo. Frequentar autores não para fechar questão, mas para dialogar na diferença”. (BARRETO, 2006, p. 7).

Desta categoria, podemos sintetizar que na ATD os metatextos, síntese de nosso discurso, são resultantes de um escrever recursivo com outros interlocutores. Neste processo, tornamo-nos autores com argumentos compartilhados e validados pela crítica acadêmica. Nossos metatextos inserem-nos no discurso acadêmico.

Compreensão e Discurso

A compreensão é outra associação forte ao discurso na ATD. Relembrando Orlandi, que distingue interpretação de compreensão, nesta categoria, destacamos a compreensão associada ao discurso:

Daí a minha necessidade de distinguir inteligibilidade, interpretação e compreensão. Porque quem analisa não pode se contentar nem com a inteligibilidade nem com a interpretação. Para a inteligibilidade basta “saber” a língua que se fala. Para interpretar, o fazemos de nossa posição de sujeito, determinados pela ideologia, nos reconhecemos nos sentidos que interpretamos. Mas para compreender é preciso teorizar. É preciso não só se reconhecer, mas fazer o esforço de conhecer. É aceitar que a linguagem não é propriedade privada. É social, é histórica. Não é transparente. (BARRETO, 2006, p. 2).

Temos a compreensão de que a ATD se iniciou como uma proposição de estar em um entre-lugar, no meio de dois extremos, como já afirmamos. A ATD distinguiu-se da AC e da AD, pois se sustenta em pressupostos filosóficos distintos, como foi pontuado, mas a semelhança no modo de abordar o movimento para a compreensão leva-nos a pensar em processos hermenêuticos na ATD, como assume Gadamer (2015) em *Verdade e Método*, sobre a universalidade da compreensão:

Nossos exercícios de comunicação carregam junto nossas teorias e nossas visões de mundo. Nós nos constituímos na linguagem e não temos como sair dela para observar um fenômeno. Enxergamos as coisas, percebemos os fenômenos, lemos textos, agimos sempre a partir de referenciais teóricos constitutivos de nossos domínios linguísticos, nossos **discursos**. Por isso sempre estamos interpretando. Não temos como sair da “prisão” da linguagem e dos **discursos** sociais. Necessitamos manifestar-nos de dentro deles. (1:8).

Conforme discutido nas categorias anteriores, a ATD exige a compreensão e a leitura desde a unitarização, seguida da categorização. Focamos em partes do texto, e este processo de olhar com mais atenção uma e outra categoria favorece que tornemos mais complexas nossas compreensões. “Cada categoria construída representa um aspecto dos textos que pode ajudar na construção de uma compreensão mais complexa dos **discursos** em que os textos foram produzidos” (1:24). Para alcançar esta compreensão mais complexa, é preciso o “mergulho em processos discursivos, visando a atingir compreensões reconstruídas dos **discursos**, conduzindo a uma comunicação do aprendido e, desta forma, assumindo-se o pesquisador como sujeito histórico, capaz de participar na interpretação e na constituição de novos **discursos**” (1: 16). Se enfatizamos a escrita na categoria anterior, isso não acontece sem a leitura atenta e rigorosa de textos. “Análise e síntese são parte do processo integrado para que se alcance uma compreensão dos textos e, com isso, dos discursos nos quais foram produzidos”(1:22).

Chamando atenção para a leitura, toda ela já é, de certa maneira, uma interpretação. Se muitas de nossas leituras levam-nos a outras leituras pelo conhecido, a leitura pode levar-nos ao inusitado, àquele texto que nos derruba e “a partir do qual é preciso abandonar algum argumento construído e produzir um novo”(1:20). Interessa, na ATD, uma leitura rigorosa. Muito embora se possa inicialmente ler de modo mais direto a partir do sentido manifesto no texto, há outra leitura do sentido latente (OLABUENAGA; ISPIZUA, 1989). “Entretanto, tanto uma quanto a outra constituem interpretações que os leitores fazem a partir de seus conhecimentos e teorias, dos **discursos** em que se inserem”. (1:6)

Quase finalizando esta categoria, ainda queremos ressaltar que não há ponto final, verdade fechada (MORAES, 2002). Estamos, como afirma Gadamer (2015), em busca da verdade que não alcançamos:

Para conseguir-se compreender em toda sua profundidade a importância da escrita nos processos reconstitutivos de conhecimentos e **discursos** sociais é importante ter clareza sobre a natureza do conhecimento e das verdades humanas. “A verdade não está parada, esperando ser encontrada; toda verdade é verdade andando, e nos cabe tão-somente andar com ela” (BERNARDO, 2000, p.41). O conhecimento e as verdades que comunicamos somente existem no momento em que os produzimos, não se encontrando prontas nas nossas cabeças para serem comunicados. “O pensamento não é uma coisa, mas um movimento” (BERNARDO, 2000, p. 41). (1:43)

Sintetizando, o que se mostrou na articulação entre compreensão e discurso é que, na ATD, para alcançar a requerida compreensão, exige-se escrita recursiva, leitura atenta, interlocução teórica, experiência hermenêutica, ou seja, o discurso em que a ATD se insere e que ela produz é um discurso compreensivo.

Intervenção e Discurso

Outra característica importante discutida na ATD é sua qualidade política, sustentando-se a ATD na “capacidade do autor em intervir nos **discursos** existentes, num exercício de transformação e de o autor assumir-se sujeito histórico” (1:55).

Do que discutimos, se temos uma intenção inicial na pesquisa, não temos o controle absoluto para saber aonde vamos chegar. “É mesmo sem conhecer o ponto de chegada, é um modo de intervir na realidade, assumindo-se o pesquisador como sujeito histórico, capaz de participar na reconstrução de **discursos** existentes” (1:33). “Ainda que se constitua em um movimento auto-organizado e emergente, (...) a análise textual discursiva pode constituir um modo de intervenção nos **discursos** culturais e sociais referentes aos fenômenos investigados, representando isso a qualidade política do processo (DEMO, 2000)”. (1:26)

Assim, assumir uma filosofia que sustente ou não a metodologia de análise de informações qualitativas é uma ação política. No caso da ATD, ao assumir um “caráter eminentemente hermenêutico tem conexões evidentes com a fenomenologia e com a etnografia. Ao mesmo tempo, tendo em vista assumir geralmente uma perspectiva transformadora das realidades que pesquisa, também se aproxima de perspectivas dialéticas” (1:36). Aqui aparece a influência da dialética de Heráclito, da pergunta e da resposta, conforme mostramos em Galiazzi e Sousa (2019).

Por seu caráter hermenêutico, enfatizamos o caráter ontológico de formação do pesquisador. Assim, ao considerar-se o que o pesquisador sabe, assume-se “um desafio permanente de produzir sentidos mais distantes, complexos e aprofundados, (...) [o pesquisador] pretende estar se envolvendo em movimentos de constante reconstrução dos significados e dos **discursos** que investiga”. (1:35)

Assim, a organização das categorias que vai resultar na elaboração do metatexto é um modo de “intervenção nos **discursos** a que sua produção se refere” (1:25). “O metatexto organiza e apresenta as interpretações e compreensões construídas a partir do conjunto de textos submetidos à análise. A qualidade desse texto evidencia a qualidade da análise. Representa a intervenção em **discursos** coletivos” (1:21). Nisso, a presença da interlocução teórica consolida a autoria que expressa a intervenção nos discursos:

A escrita entendida como processo de reconstrução de conhecimentos e **discursos** sociais requer tomar como ponto de partida conhecimentos já estabelecidos, **discursos** sociais já constituídos. Esses podem ser expressos a partir de uma multiplicidade de vozes, sendo a voz do autor que escreve, suas próprias ideias, um ponto de partida que não pode deixar de envolver-se nos diálogos. (1:48)

Argumentar também é considerado como um modo de intervenção no discurso, não no sentido de convencer, mas “num contexto de construção de autonomia, propiciando a todos ampliarem sua participação nos **discursos**, sempre de forma crítica e fundamentada. A autonomia aqui apontada não é de caráter individual, mas de sujeitos participantes de um mesmo **discurso**” (1:13).

Consideramos, apoiados em Gadamer, que a linguagem é metafórica (GALIAZZI e SOUSA, não publicado) e é uma característica nos textos sobre ATD sintetizar suas compreensões por metáforas. Em recente dossiê publicado pela *Revista de Pesquisa Qualitativa*, esta característica da ATD ficou expressa intensamente. Algumas metáforas que apareceram foram a bússola, de Milli, Soline e Gehlen (2020); o jogo digital (GUIDOTTI; HECKLER, 2020); a espiral ascendente (FREITAS, 2020); a viagem ao alto-mar, articulada ao horizonte compreensivo de Gadamer (CALIXTO, 2020); o caleidociclo, em Antiqueira e Machado (2020); a destruição de uma obra para construção de uma obra de arte, para Ribeiro e Ramos (2020).

Quando conversamos em nossos grupos de pesquisa ou com estudantes, muitas vezes, referimo-nos a estas metáforas. Por exemplo: Onde isso está escrito? No “Tempestade de Luz”; no “Avalanches”; no “Mergulhos”. O último capítulo do livro, como os demais, também traz uma metáfora:

“Um contínuo ressurgir de Fênix”, amplia a discussão do processo analítico para além de uma análise de dados de pesquisa propriamente dita, atingindo uma produção textual entendida como pesquisa produtiva de novos significados a partir da interação de diferentes vozes, incluída principalmente a do próprio pesquisador. Nessa perspectiva amplia-se o processo de análise no sentido de mostrá-lo como modo de intervenção em **discursos** sociais, processo em que o pesquisador se envolve em reconstruir entendimentos sociais, sempre em interação com um conjunto de vozes, incluindo-se tanto de interlocutores empíricos como teóricos. (1:3)

Parece-nos claro que, para colocar uma metáfora e associá-la a um texto, é preciso “o envolvimento intenso e rigoroso do pesquisador no processo de análise e de reconstrução. Precisa assumir-se intérprete e autor, processo em que os resultados expressos representam modos de intervenção nos **discursos** sociais investigados”.(1:5)

O livro mesmo (MORAES; GALIAZZI, 2007), no nosso entender, é um exemplo de ATD, pois, nos capítulos iniciais, detalha os movimentos específicos, a unitarização, a produção de códigos, a categorização, para apresentar, nos últimos capítulos, uma perspectiva ampliada da ATD “como um processo reconstrutivo de **discursos** sociais”. (1:4)

O último capítulo de fundamentos dessa série retoma e apresenta a análise textual discursiva propondo uma discussão em quatro focos. Inicialmente examina-se essa modalidade de análise e descreve-se um processo a partir do qual pode ser concretizada. A partir disso discutem-se modos como os resultados de uma análise dessa natureza podem ser comunicados. No terceiro foco aprofunda-se a questão da produção de textos de qualidade, argumentando que é um processo reiterativo de reconstrução com base na crítica. Finalmente argumenta-se que a análise textual discursiva conduz a compreensões cada vez mais elaboradas dos fenômenos investigados, possibilitando, ao mesmo tempo, uma participação na reconstrução dos **discursos** em que o pesquisador e os sujeitos da pesquisa se inserem. (1:15)

Sintetizando, como também é uma das apostas da ATD, nesta categoria, destacamos seu papel político relacionado ao discurso pelos processos interventivos que podem ser potencializados: a autoria do pesquisador, a produção de novos discursos, a argumentação, a linguagem metafórica, a reconstrução de discursos, ou seja, a produção de textos que nos inserem em discursos, exercício este que tem a potência de transformá-los.

Concluindo, então, o exposto, consideramos que o discurso tenha se mostrado na ATD por seu pertencimento filosófico, que vai requerer uma pergunta adequada a demandar metodologia de análise condizente. A relação entre ATD e discurso também se mostra por seu discurso metodológico com atenção aos movimentos analíticos. Nestes movimentos, atenta-se para a importância da escrita por seu caráter analítico, mas especialmente ontológico. Daí decorre um diálogo hermenêutico em direção à compreensão. Assim, resultante disso,

apresenta-se o discurso com qualidade de intervenção, agregando-se a ele uma componente política inextricável.

Considerações Finais

Neste exercício analítico de melhor entender o discurso na ATD, mostrou-se relevante que a metodologia de pesquisa e a metodologia de análise estejam suportadas pela filosofia. No caso da ATD, fundamenta-se na fenomenologia e na hermenêutica, em que o texto é parte de discurso, este mais amplo. Assim, um texto materializa discursos. O processo de análise está vinculado ao epistemológico, sobressaindo-se três movimentos: unitarização, categorização e comunicação com a produção de metatexto. Na materialidade do metatexto, o discurso expressa-se e transforma-se, mesmo que a partir de etapas estruturantes e epistemológicas. A ATD está arraigada na escrita recursiva, que é em si um processo de (auto)compreensão do pesquisador, que se utiliza de discursos postos no material empírico e nas outras vozes discursivas chamadas à interpretação para compreensão do fenômeno de interesse. É neste movimento de produção do metatexto que essa escrita recursiva produz em si discursos. A busca interpretativa na leitura e na escrita pela compreensão é, com isso, colocar-se em um jogo hermenêutico – da pergunta e da resposta –, produzindo discursos que podemos interpretar como diálogos hermenêuticos. Por fim, apresenta-se, na ATD, o papel da intervenção discursiva a partir da transformação metatextual e ontológica do pesquisador. Além disso, mostra-se a modificação dos discursos, que levam a transformar a realidade. Com isso, concluímos que a ATD não é um entre-lugar metodológico. É um lugar, outro conceito a aprofundar em outro texto em diálogo hermenêutico.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARRETO, R. G. Análise de Discurso: conversa com Eni Orlandi. **TEIAS**, Rio de Janeiro (RJ), v. 7, n. 13-14, p. 1-7, jan/dez 2006.
- BERNARDO, G. **Educação pelo argumento**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- CATALAN, M. A. R. **Discurso y educación**. Sevilla: Mercablum, 2001.
- DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

GADAMER, H.-G. Da palavra ao conceito. In: ALMEIDA, L. S.; FLICKINGER, H.-G.; ROHDEN, L. **Hermenêutica Filosófica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 13-26
GADAMER, H.-G. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

GALIAZZI, M. C.; SOUSA, R. S. A dialética na categorização da análise textual discursiva: o movimento recursivo entre palavra e conceito. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo (SP), v.7, n. 13, p. 01-22, abr. 2019.

GALIAZZI, M. C.; SOUSA, R. S. O que é isso que se mostra: o fenômeno na análise textual discursiva? **Atos de Pesquisa em Educação (FURB)**, Blumenau (SC), v. 15, n. 4, p. 1167-1184, out./dez. 2020.

GALIAZZI, M. C.; SOUSA, R. S. O Fenômeno da Descrição na Análise Textual Discursiva: A Descrição Fenomenológica como Desencadeadora do Metatexto. **Revista Vidya**, Santa Maria (RS), v. 41, n. 1, p. 77-91, 2021.

GUIMARÃES, G.T. D.; DE PAULA, M. C. Análise textual discursiva: entre a análise de conteúdo e a análise de discurso. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo (SP), v. 8, n. 19, p. 677-705, 2020.

KRIPPENDORF, K. **Metodologia de análisis de contenido: teoria e prática**. Barcelona: Paidós, 1990.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. **Naturalistic inquiry**. 1. ed. London: Sage, 1985.

MORAES, R. Análise de Conteúdo, In: ENGERS, M. E. **Paradigmas e Metodologias de Pesquisa em Educação: notas para reflexão**. Porto Alegre: Edipucrs, 1994. p. 103-111.

MORAES, R. No ponto final a clareza do ponto de interrogação inicial: a construção do objeto de uma pesquisa qualitativa. **Educação**, Porto Alegre, v. 25, n. 46, p. 231-248, 2002.

MORAES, R. **A educação de professores de ciências: uma investigação da trajetória de profissionalização de bons professores**. 1991. 398f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <http://cliente.arco.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>. Acesso em: abr. 2021.

MORAES, R. Uma Tempestade de Luz: a Compreensão Possibilitada pela Análise Textual Discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, out. 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

NAVARRO, P.; DIAZ, C. Análisis de contenido. In: GUTIÉRREZ, J.; DELGADO, J. M. (Org.). **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. 1. ed. Madrid: Síntesis, 1994. p. 177-224.

OLABUÉNAGA, J. I. R.; ISPIZÚA, M. A. **La descodificación de la vida cotidiana. Métodos de investigación cualitativa**. Bilbao: Ediciones Universidad de Deusto, 1989.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

SOUSA, R. S. O Texto na Análise Textual Discursiva: Uma Leitura Hermenêutica do “Tempestade De Luz”. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo (SP), v. 8, n. 19, p. 641-660, 2020.

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C. Compreensões acerca da Hermenêutica na Análise Textual Discursiva: Marcas Teórico-metodológicas à Investigação. **Revista Contexto & Educação**, Ijuí (RS), v. 31, n. 100, p. 33-55, abr. 2017.

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C. O jogo da compreensão na análise textual discursiva em pesquisas na educação em ciências: revisitando quebra-cabeças e mosaicos. **Ciência & Educação (Online)**, Bauru (SP), v. 24, n. 3, p. 799-814, jul./set. 2018.

VAN MANEN, M. Phenomenology in Its Original Sense. **Qualitative Health Research**, v. 27, n. 6, p. 810-825, 2017.

WELLS, G. (Ed.). **Action, talk, and text: learning and teaching through inquiry**. New York: Teachers College, Columbia University, 2001.